



24 HORAS PARA
O SENHOR

12-13 DE MARÇO DE 2021

ELE PERDOA TODOS
OS TEUS PECADOS

(SALMO 103,3)

24 HORAS PARA O SENHOR

12-13 de março de 2021

«Ele perdoa todos os teus pecados» (Salmo 103(102), 3)

Subsídio – Proposta

Notas introdutórias

Confissão

Porque devo confessar-me?

Resposta do Magistério

Testemunho

Como preparar-se para a confissão?

Como confessar-se?

Que fazer depois da confissão?

Vigília

Introdução à celebração

Preliminares gerais

Celebração da vigília no tempo da pandemia

Início da Vigília

Liturgia Penitencial

Desenvolvimento da Vigília

Lectio Divina: IV Domingo da Quaresma (Ano B)

Notas introdutórias

*Este subsídio pretende apresentar algumas sugestões para que as paróquias e as comunidades cristãs possa preparar-se para viver a iniciativa **24 horas para o Senhor**. Como é óbvio, trata-se de propostas que podem ser adaptadas tendo em conta as exigências e os costumes locais.*

*No fim da tarde de sexta-feira, 12 de março, e durante todo o dia de sábado, 13 de março, seria significativo prever uma abertura extraordinária da igreja, dando a possibilidade de acesso às Confissões, de preferência num contexto de **Adoração Eucarística** com animação litúrgica. Este evento poderia iniciar ao fim da tarde de sexta-feira, com uma Liturgia da Palavra para preparar os fiéis para a Confissão e terminar com a celebração da Santa Missa dominical na tarde de sábado.*

*Onde, por motivos sanitários, as celebrações dos Sacramentos não forem permitidas ou forem possíveis apenas com um número reduzido de pessoas, a Adoração Eucarística poderia ser transmitida online, preparando assim os fiéis para a **contrição perfeita**, como diz o Catecismo da Igreja Católica: «Quando procedente do amor de Deus, amado sobre todas as coisas, a **contrição** é dita “perfeita” (contrição de caridade). Uma tal **contrição** perdoa as faltas veniais: obtém igualmente o perdão dos pecados mortais, se incluir o propósito firme de recorrer, logo que possível, à confissão sacramental» (CIC 1452).*

*Na primeira parte deste subsídio, apresentamos alguns pensamentos que ajudam a refletir sobre o porquê do Sacramento da Reconciliação. Os textos preparam para viver conscientemente o encontro com o sacerdote no momento da confissão individual. Podem servir também para as pessoas se prepararem (sozinhas ou orientadas por um ministro) para a **contrição perfeita** de que falámos antes, nos casos em que temporariamente não for possível aproximar-se do Sacramento da Reconciliação. Trata-se também de uma provocação para superar as eventuais resistências que, muitas vezes, se colocam para evitar a confissão. Expomos um testemunho que ilustra o caminho da conversão pessoal: uma ajuda para refletir sobre a mudança pessoal e sobre a consciência da presença de Deus na vida de cada um. Apresentamos ainda a vida de uma pessoa, capaz de inspirar as nossas existências para realizar as obras de misericórdia e para continuar o crescimento pessoal depois de ter recebido a absolvição dos pecados.*

A segunda parte pode ser utilizada durante o tempo de abertura da igreja, de modo que todas as pessoas que lá forem confessar-se possam ser ajudadas na oração e na meditação através de um percurso com base na Palavra de Deus.

Este Subsídio poderia ser útil para preparar uma catequese sobre a necessidade da conversão e sobre o Sacramento da Reconciliação. Sobretudo os jovens, mas também os adultos, perguntam-se: porque devo confessar-me? Como é que nos confessamos? Que se faz depois da confissão? Este Subsídio pode constituir uma ajuda válida para encontrar respostas para estas questões.

CONFISSÃO

“Nunca desistas,
Nem quando o cansaço se fizer sentir,
Nem quando os teus pés tropeçarem,
Nem quando os teus olhos arderem,
Nem quando os teus esforços forem ignorados,
Nem quando a desilusão te abater,
Nem quando os erros te desencorajarem,
Nem quando a traição te ferir,
Nem quando o sucesso te abandonar,
Nem quando a ingratidão te desconsertar,
Nem quando a incompreensão te rodear,
Nem quando as chatices te deitarem ao chão,
Nem quando tudo tiver o aspeto do nada,
Nem quando o peso do pecado te esmagar...
Invoca o teu Deus, cerra os punhos, sorri... e recomeça!”

São Leão Magno, Papa

Porque devo confessar-me?

Antes de mais, há que lembrar que *o protagonista do perdão dos pecados é o Espírito Santo*. Na sua primeira aparição aos Apóstolos, no Cenáculo, Jesus Ressuscitado fez o gesto de soprar sobre eles, dizendo: «Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem não os perdoardes não lhes serão perdoados» (Jo 20,22-23). Transfigurado no seu corpo, Jesus já é o homem novo, que oferece os dons pascais, fruto da sua morte e ressurreição. Quais são estes dons? A paz, a alegria, o perdão dos pecados, a missão. Mas dá, sobretudo, o Espírito Santo, que é a fonte de todos os outros dons. O sopro de Jesus, acompanhado pelas palavras com as quais comunica o Espírito, indica a transmissão da vida, a vida nova regenerada pelo perdão.

Mas antes de fazer o gesto de soprar e conceder o Espírito, Jesus mostra as suas chagas, nas mãos e no lado: essas feridas representam o preço da nossa salvação. O Espírito Santo concede-nos o perdão de Deus, “passando através” das chagas de Jesus. As feridas que Ele quis conservar; também neste momento, no Céu, Ele mostra ao Pai as chagas com as quais nos resgatou. Em virtude destas feridas, os nossos pecados são perdoados: assim, Jesus ofereceu a sua vida pela nossa paz, pela nossa alegria, pelo dom da graça na nossa alma, pelo perdão dos nossos pecados. É muito bom olhar para Jesus desta maneira!

Consideremos o segundo elemento: Jesus concede aos Apóstolos o poder de perdoar os pecados. É um pouco difícil compreender como é que um homem pode perdoar os pecados, mas Jesus confere este poder. *A Igreja é depositária do poder das chaves*, de abrir ou fechar ao perdão. Na sua misericórdia soberana, Deus perdoa cada homem, mas Ele mesmo quis que todo os que pertencem a Cristo e à Igreja recebam o perdão mediante os ministros da Comunidade. Através do ministério apostólico, a misericórdia de Deus alcança-me, as minhas culpas são perdoadas e recebo o dom da alegria. Deste modo, Jesus chama-nos a viver a reconciliação também na dimensão eclesial, comunitária. E isto é muito bom! A Igreja, que é santa e que, ao mesmo tempo, precisa de penitência, acompanha o nosso caminho de conversão durante a vida inteira. A Igreja não é dona do poder das chaves, mas é serva do ministério da misericórdia e manifesta a sua alegria todas as vezes que pode oferecer este dom divino.

Muitas pessoas talvez não compreendam a dimensão eclesial do perdão, porque predominam sempre o individualismo, o subjetivismo; e até nós, cristãos, sentimos os seus efeitos. É verdade que Deus perdoa pessoalmente todos os pecadores que se arrependem, mas o cristão está unido a Cristo, e Cristo está unido à Igreja. Nós, cristãos, temos um dom mais que os outros, tal como temos um compromisso mais: passar humildemente através do ministério eclesial. É preciso valorizar isto; é um dom, uma atenção, uma proteção e é também a segurança de que Deus me perdoou. Vou ter com o irmão sacerdote e digo-lhe: «Padre, fiz isto...». E ele responde: «Mas eu perdoou-te; Deus perdoa-te». Naquele momento, eu fico seguro de que Deus me perdoou! E isto é bonito; isto é sentir a segurança de que Deus nos perdoa sempre, que não se cansa de perdoar. E não devemos cansar-nos de ir pedir perdão. Podemos sentir vergonha de dizer os nossos pecados, mas as nossas mães e as nossas avós diziam que é melhor ficar corados uma vez do que ficar pálidos mil vezes. Ficamos corados uma vez, mas os nossos pecados são perdoados e prosseguimos o nosso caminho.

Por fim, um último ponto: *o sacerdote, instrumento para o perdão dos pecados*. O perdão de Deus, que nos é concedido na Igreja, é-nos transmitido por meio do ministério de um nosso irmão, o sacerdote, também ele um homem que, como nós, precisa de misericórdia e se torna um verdadeiro instrumento de misericórdia, dando-nos o amor sem limites de Deus Pai. Também os sacerdotes devem confessar-se, tal como os Bispos: todos somos pecadores. Também o Papa se confessa de quinze em quinze dias, porque também o Papa é pecador. E o confessor ouve as coisas que eu lhe digo, aconselha-me e perdoa-me, porque todos precisamos deste perdão. Às vezes ouvimos certas

peças a afirmar que se confessam diretamente a Deus... Sim, como eu dizia antes, Deus ouve sempre, mas no sacramento da Reconciliação envia um irmão para nos trazer o seu perdão, a segurança do perdão, em nome da Igreja.

O serviço que o sacerdote presta como ministro, por parte de Deus, para perdoar os pecados é muito delicado e requer que o seu coração esteja em paz, que o sacerdote tenha o coração em paz; que não maltrate os fiéis, mas que seja manso, benévolo e misericordioso; que saiba semear esperança nos corações e, sobretudo, que esteja consciente de que o irmão ou a irmã que se aproxima do sacramento da Reconciliação está à procura do perdão, como as numerosas pessoas que se aproximavam de Jesus para serem curadas. É melhor que, enquanto não se corrigir, um sacerdote que não tenha esta disposição de espírito não administre este Sacramento. Os fiéis penitentes têm o direito, todos os fiéis têm o direito de encontrar nos sacerdotes servidores do perdão de Deus.

Caros irmãos, como membros da Igreja estamos conscientes da beleza deste dom que o próprio Deus nos concede? Sentimos a alegria deste cuidado, desta atenção materna que a Igreja tem por nós? Sabemos valorizá-la com simplicidade e assiduidade? Não esqueçamos que Deus nunca se cansa de nos perdoar; através do ministério do sacerdote, Ele abraça-nos de novo, regenerando-nos e permitindo que nos ergamos de novo e retomemos o nosso caminho. Porque esta é a nossa vida: devemos erguer-nos sempre de novo e retomar o nosso caminho!

Papa Francisco, Audiência Geral, 20 de novembro de 2013

Conversão de Joe Eszterhas

Longe de mim gloriar-me, a não ser na cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (Gl 6,14)

No mês de abril de 2001, foi diagnosticado a Joe Eszterhas um cancro na garganta. Para este famoso cineasta de Hollywood, autor do argumento do popularíssimo (e escandalosíssimo) filme “Basic Instinct”, que tinha Sharon Stone como protagonista, foi como se o mundo lhe desabasse em cima.

A seguir ao diagnóstico, foi submetido a uma intervenção cirúrgica radical: removeram-lhe 80% da sua laringe e foi-lhe colocado um tubo para poder respirar. Na consulta pós-operatória, Joe ouviu os médicos a dizer: «Tens de deixar imediatamente de beber e fumar. Senão, morres!».

«Tinha doze anos, quando comecei a fumar» – viria a escrever Joe na sua autobiografia – «e catorze anos quando comecei a beber. Agora, tenho cinquenta e seis anos e, nos últimos quarenta e quatro anos, não houve um único dia em que eu não fumasse ou bebesse alguma bebida alcoólica».

Joe nasceu numa família católica na Hungria, no fim da II Guerra Mundial, em 1944. Entretanto, a família fugiu aos horrores da guerra para um campo de refugiados gerido pelos Aliados, donde, em seguida, emigrou para os Estados Unidos da América. Toda a família fica marcada pelo sofrimento da mãe, doente mental, que veio a falecer de cancro. Estes acontecimentos fecham o jovem Joe à experiência da fé.

Em adulto, Joe Eszterhas começou a trabalhar para um jornal de Cleveland como repórter criminal. Passa, assim, a experimentar todos os dias a parte negra, brutal e transgressiva da sua cidade. Entretanto, descobre também que, durante a II Guerra Mundial, o seu pai apoiava os nazis e organizava ativamente a propaganda antissemita.

Nos anos 70, o nome de Eszterhas aparece na famosa revista de música “Rolling Stone”. Em 1978 escreve o primeiro argumento para o filme “F.I.S.T.”, com Sylvester Stallone, depois outro para o “Fleshdance”, em 1983. Nos anos 90, graças ao já referido “Basic instinct”, a revista Time apresenta Joe Eszterhas como o «rei do sexo e da violência na América». No fim do século XX, Joe está no ponto mais alto da carreira de Hollywood: com a escrita de dezasseis filmes ganhou cerca de mil milhões de dólares.

A intervenção cirúrgica deixa tudo às avessas.

Um mês depois da operação, sentado num banco e no meio de um inesperado calor infernal, Eszterhas estava a delirar: «Estava a ficar louco. Estava a tremer. Estava a vacilar. Estava a delirar. Não tinha paciência para nada. Gritava contra a minha mulher, Naomi, e contra os meus filhos. Os batimentos do meu coração saltavam. Não tinha apetite. Não conseguia comer nada». O motivo deste estado de alma era óbvio: «Todas as extremidades do meu sistema nervoso pediam uma bebida e um cigarro». Nisto, Joe decidiu fugir. «Saí de casa e comecei a caminhar. Caminhava o mais rápido que podia. Estava demasiado velho para correr. Com esta marcha, procurava superar os meus desejos e as minhas dependências. Procurava superar o pânico. Procurava superar a autodestruição. Procurava superar a morte».

Os minutos vão passando e Joe, às voltas pelo bairro, sente que está a ir-se abaixo. «Comecei a chorar. Sabia que estava a entrar em hiperventilação. Sentei-me numa berma. As lágrimas escorriam-me pela cara. Eu via como iam caindo ao chão em bica. O meu coração batia tão forte que bloqueava tudo à minha volta, exceto os meus soluços. Nem sequer a mim mesmo eu parecia ser um humano. Escutava os meus gemidos. Parecia um animal ferido».

E foi justamente neste momento que aconteceu algo de inesperado. «Ouvia-me a mim mesmo a balbuciar algo. Ouvia-me a dizê-lo. Não podia acreditar que tivesse dito aquilo. Não sabia por que razão o tinha dito. Nunca o tinha dito antes. Ouvi-me a repetir aquilo. E uma vez mais, e outra e mais outra: “Ó Deus, eu te peço, ajuda-me!”. Na verdade, tendo em conta como eram as coisas, eu sabia que não podia ter dito aquilo, como enfim poderia ter pronunciado qualquer outra coisa. A minha laringe tinha desaparecido quase toda. O seu lugar estava ocupado por aquele tubo diabólico. Nem sequer podia sussurrar, quanto mais dizer alguma coisa. Mas eu ouvi claramente que estava a dizer aquilo e a repeti-lo, depois, mais uma vez e mais outra».

«Ó Deus, eu te peço, ajuda-me!».

«Estava a rezar, a pedir, a implorar ajuda. Suplicava que Deus me ajudasse. E pensava dentro de mim: “Eu? A pedir a Deus? A suplicar a Deus? A rezar?”. Já não pensava em Deus desde os tempos de menino, mas naquele momento estava a ouvir-me a mim mesmo a suplicar-lhe, sempre a pedir-lhe ajuda, enquanto emitia gemidos de dor. E subitamente o meu coração ficou tranquilo. As extremidades dos meus nervos deixaram de me torturar. Deixei de tremer e de ter espasmos. As minhas mãos deixaram de dançar. ... Levantei-me da berma. Abri os olhos».

A graça de Deus age no coração humano de diversas formas. A conversão de Joe faz lembrar a cena bíblica da mulher que queria tocar no manto de Jesus para ser curada. Santo Ambrósio descreve-a assim: “Tocou delicadamente numa orla do manto, aproximou-se com fé, acreditou e sentiu-se curada (...). Do mesmo modo também nós, se quisermos ser salvos, devemos tocar com fé as vestes de Cristo” (SANTO AMBRÓSIO, *Expositio Evangelium secundum Lucam*, VI, 56.58.).

Depois desta experiência de oração e de fé reencontrada, Joe escreveu: «Quis voltar para casa e pus-me a caminho. Pensava que podia conseguir. Seria a maior batalha da minha vida. Seria terrivelmente

difícil, mas com a ajuda de Deus pensei que conseguia. Poderia derrotar-me a mim mesmo e vencer. Se combatesse com dureza e se rezasse».

«Tinha-me acontecido alguma coisa naquele dia infernal e abafado. Durante muito tempo não sabia como podia descrever esse acontecimento, mas agora eu sei. Fui salvo».

Um dos frutos da salvação recebida é a aproximação de Joe à vida paroquial e, especialmente, ao serviço litúrgico. Joe Eszterhas ficou com uma função muito simples, mas significativa: ser *cruciferário* (aquele que leva a cruz).

«Ninguém me obrigou a levar a cruz na paróquia dos Santos Anjos. Fi-lo como se fosse uma maneira de agradecer a Jesus por me ter ajudado. Senti-me honrado por o fazer; era um prazer para mim».

Preparação para a confissão

Salmo 103 (102), 3: «Ele perdoa todos os teus pecados e cura as tuas enfermidades».

Ao longo dos séculos, a Igreja sempre rezou com os Salmos, elevando para Deus, pela mediação de Cristo no Espírito, hinos de louvor e de bênção, de agradecimento e de exaltação Àquele que é Criador, Senhor e Pai. O Saltério apresenta, sob a forma de oração, a intensa história da salvação, pondo-nos a contemplar as maravilhas realizadas por Deus, as suas perfeições e as suas propriedades, o poder e a ternura do seu envolvimento na história humana, nas vicissitudes do seu povo. Mas apresenta também as maiores interrogações da existência humana, como a dor, o sofrimento, a doença, a solidão, a morte e a vida depois da morte. Essencialmente, os Salmos são orações dirigidas a Deus, mas são também Palavra de Deus dirigida a nós. É aqui que reside a beleza desta oração, em certo sentido, *dialógica*: eu dirijo-me a Deus e, na realidade, é Ele que me fala a mim; eu rezo-Lhe e, na realidade, É Ele que me educa. É verdade, é um diálogo de fé e de amor entre dissemelhantes; Deus é Criador e nós somos criaturas; Ele é Senhor e nós somos servos; mas também é Pai e nós somos seus filhos. Os Salmos ensinam-nos a conhecer o coração de Deus a partir da Palavra de Deus, a falar com Ele, e, enquanto falo, aprendo a escutar, a contemplar, a acreditar, a amar. Apesar disto, o que nos toca nesta finíssima trama relacional, feita de filiação e discipulado, de paternidade e de senhoria, Deus apresenta-Se como um pai cheio de amor, de fidelidade, de ternura, muito próximo daquilo que os homens vivem, do seu povo, atento à sua vida e às suas invocações. O Deus pessoal está presente e age na vida do seu povo, responde com bondade e misericórdia, com piedade e ternura a todos os que O invocam com fé e humildade: sim, porque Ele é o nosso Deus, este é o nosso Pai do céu.

«Ele perdoa todos os teus pecados e cura as tuas enfermidades» (Sl 103,3)

Este versículo apresenta o motivo pelo qual o coração do orante eleva o seu hino de louvor e de bênção ao Senhor: *«Bendiz, ó minha alma, o Senhor, e todo o meu ser bendiga o seu nome santo»* (Sal 103,1). Repete-o de novo e, no fim da oração, há de recordá-lo uma vez mais, de modo que esta expressão funciona como uma moldura dentro da qual se manifestam a largura, o comprimento, a altura e a profundidade do amor misericordioso de Deus para conosco. Do perdão de Deus brota a alegria e a bem-aventurança do coração; no fim de contas, esta é a experiência do crente vitalmente tocado pelo amor de Deus que perdoa: *«Feliz daquele a quem foi perdoada a culpa e absolvido o pecado. Feliz o homem a quem o Senhor não acusa de iniquidade e em cujo espírito não há engano»*

(Sl 31,1-2). Sim! É verdade! O Senhor perdoa todos os nossos pecados e, ao mesmo tempo, cura todas as nossas enfermidades: perdoa e cura, um único programa, o programa do Emanuel, Deus-connosco. Já na sinagoga de Nazaré Ele tinha afirmado que isto havia de fazer parte da sua missão messiânica: levar aos pobres da terra a alegre notícia de uma salvação integral, que ultrapassa as próprias expectativas; realizar a libertação dos cativeiros materiais, espirituais e morais que aprisionam a humanidade e a relegam para o pessimismo existencial, até ao desespero; dar a vista àqueles cegos que não conseguem ver Deus, vivo e presente na sua vida e na história de todos os dias, e incapazes de ver n'Ele o rosto único e belo dos irmãos, companheiros de viagem em direção à eternidade. Oh! Como é grande o amor do nosso Pai celeste, que é «*clemente e compassivo*» (Sl 103,8).

Muitas vezes, falamos a Deus com palavras como estas: “Senhor, faço tantas maldades, sinto o peso das minhas fragilidades, muitas vezes caio no mesmo pecado e por vezes tenho vergonha de Te pedir perdão, porque a verdade é que hei de voltar a cair nos mesmos pecados ou até cometer piores; mesmo assim, porque me acolhes, perdoando-me e curando-me? Porque me aceitas e Te mostras tão ternurento, misericordioso e compassivo para comigo?”. Deus poderia responder-te assim: “Porque Eu sou assim, porque tu és meu filho e, enfim, porque a minha natureza é Amor, Misericórdia e Ternura, Pai, acima de toda a paternidade, Santo acima de toda a santidade”. É por isso que o nosso coração deve ir ao encontro do Senhor ou, pelo menos, deixar-se encontrar por Ele, porque, apesar de saber de que somos formados e que, portanto, somos pecadores, frágeis e decadentes, Ele é maior que o nosso pecado e a nossa fragilidade e concede-nos muito mais do que o nosso coração ousa esperar.

«*Não nos trata segundo os nossos pecados...*» (Sl 103,10)

Então parece estar mais que justificado este hino de bênção e cheio de gratidão que o orante dirige ao Senhor clemente e compassivo, um hino com o qual recorda o seu dever de fazer memória de todos os benefícios que recebeu de Deus, mas também de evocar a modalidade única com a qual se recebe a graça da misericórdia e do perdão. Deus, que é Pai, «*não nos trata segundo os nossos pecados, nem nos castigou segundo as nossas culpas*» (Sl 103,10). Também isto é verdade! De facto, fica impresso no nosso coração e na nossa mente o encontro belíssimo e salutar entre Jesus e a mulher adúltera, narrado no evangelho de João. O Papa Francisco lembra que «no centro [deste encontro], não temos a lei e a justiça legal, mas o amor de Deus, que sabe ler no coração de cada pessoa, incluindo o seu desejo mais oculto e que deve ter a primazia sobre tudo. [...]. Jesus fixou nos olhos aquela mulher e leu no seu coração: lá encontrou o desejo de ser compreendida, perdoada e libertada. A miséria do pecado foi revestida pela misericórdia do amor. Da parte de Jesus, nenhum juízo que não estivesse

repassado de piedade e compaixão pela condição da pecadora» (MeM 1). Nem uma palavra de condenação ou de desprezo, mas apenas um convite a não voltar a pecar e a prosseguir o seu caminho com esperança, sabendo que, a partir daquele dia, a mulher poderia ter tomado um novo rumo na verdade e na caridade de Cristo Senhor, como sua fiel discípula; «não a tratou segundo o seu pecado, não a castigou segundo a sua culpa». O perdão é o sinal mais visível do amor do Pai, que Jesus quis revelar em toda a sua vida. A misericórdia é aquela ação concreta do amor que, perdoadando, transforma e muda a vida.

“Como um pai se compadece dos seus filhos, assim é Deus conosco!”

Jesus Cristo é o rosto da misericórdia do Pai e nós precisamos de contemplar sempre a misericórdia divina que n’Ele se manifesta, porque ela é o caminho que une Deus e o homem, abrindo o coração à esperança de sermos amados para sempre, apesar do limite do nosso pecado. No entanto, se por um lado é próprio de Deus usar de misericórdia, uma vez que paradoxalmente nela se manifesta de modo particular a sua onipotência de amor, por outro lado deseja que este “poder” de amor saia de Si, invada e penetre o coração dos homens. Qual é, então, o lugar, o espaço peculiar em que a ternura de Deus toca o coração do homem e o envolve com a sua misericórdia e o seu perdão? É, com certeza, o *Sacramento da Reconciliação*. Este é o momento em que sentimos o abraço do Pai que vem ao nosso encontro para nos restituir a graça de voltar a ser seus filhos. A graça é mais forte e supera qualquer possível resistência, porque o amor vence todas as coisas; justamente a graça precede-nos sempre e assume o rosto da misericórdia que se torna eficaz na reconciliação e no perdão. Portanto, é preciso que o Sacramento da Reconciliação volte a encontrar o seu lugar central na vida cristã, mediante a mediação materna da Igreja. Com efeito, como afirma o Papa Francisco, «a referência à misericórdia na oração da Igreja, longe de ser apenas parenética, é altamente *performativa*, ou seja, enquanto a invocamos com fé, é-nos concedida; enquanto a confessamos viva e real, efetivamente transforma-nos» (MeM, 5). Mas nós não somos apenas destinatários do dom da misericórdia e do perdão. Em certo sentido, ele torna-nos coprotagonistas de misericórdia no Espírito: sobretudo quando saímos do confessionário, como de um jardim perfumado onde se faz a experiência da fragância da ternura do Pai, começamos um novo caminho de conversão na esperança e na caridade. Os grandiosos dons, recebidos sem mérito da nossa parte e na total gratuidade, não podem ser sufocados no coração dos destinatários; e o perdão e a misericórdia que Deus usa para conosco são os dons mais grandiosos que um homem pode receber. Precisamente eles devem, portanto, tornar-se motivo de abertura e de acolhimento diante dos irmãos, de modo que, através do nosso testemunho, também eles experimentem o amor misericordioso de Deus, que o Espírito quer derramar

abundantemente nos corações. Portanto, é verdade que no confessionalário pode ter início um novo caminho, reconhecendo e valorizando o que há de bom em cada pessoa, uma vez que, antes, também nós recebemos de Deus misericórdia sobre misericórdia. Ser com e para os irmãos torna-nos ainda mais conscientes de que Deus derramou a sua benevolência sobre nós com grande generosidade.

Mesmo assim, o facto de nos sentirmos indignos de tão grande dom pode transformar-se na tentação subtil de sufocar em nós, pecadores, todo o desejo positivo de transcendência. Há uma belíssima expressão do Papa Francisco na sua última Carta apostólica, *Patris corde*, que nos enche o coração de esperança e alegria, porque vemos como Deus não se limita a depositar a sua confiança na parte boa da nossa vida, mas, muitas vezes, realiza os seus imperscrutáveis desígnios precisamente apesar da nossa fraqueza. Assim, se «o Maligno nos faz olhar para a nossa fragilidade com um juízo negativo, já o Espírito trá-la à luz com ternura. A ternura é a melhor forma de tocar o que em nós é frágil. [...] Só a ternura nos salvará da obra do Acusador. Por isso, é importante encontrar a Misericórdia de Deus, especialmente no Sacramento da Reconciliação, fazendo uma experiência de verdade e ternura. Paradoxalmente, também o Maligno pode dizer-nos a verdade, mas, se o faz, é para nos condenar. Mas nós sabemos que a Verdade vinda de Deus não nos condena, mas acolhe-nos, abraça-nos, ampara-nos, perdoa-nos» (PaC, 2).

Acolhamos, então, a ansiosa admoestação de São Paulo, que a Igreja, Mãe e Mestra de misericórdia, assume como sua: “nós vos pedimos em nome de Cristo: deixai-vos reconciliar com Deus!” (2Cor 5,20). Hoje, nós queremos reconciliar-nos com Deus, acolher o seu convite de amor que nos chama a Si e, na fé, manifestar que Ele, o nosso Pai, é verdadeiramente grande no amor. Não é preciso render-se à fraqueza de cada um, nem ter medo das contrariedades e das incoerências de que nos vamos dando conta ao longo do nosso caminho de crentes, porque «ter fé em Deus inclui também acreditar que Ele pode intervir inclusive através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa fraqueza. E ensina-nos que, no meio das tempestades da vida, não devemos ter medo de deixar a Deus o leme da nossa barca. Por vezes queremos controlar tudo, mas Ele tem sempre um olhar com maior alcance» (PaC 2).

Como confessar-se?

No momento em que te apresentas como penitente, o sacerdote acolhe-te com cordialidade, falando-te com palavras de encorajamento. Ele torna presente o Senhor misericordioso.

Juntamente com o sacerdote faz o sinal da cruz, dizendo:

Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amen.

O sacerdote ajuda-te a dispor o teu coração para ter confiança em Deus, com estas palavras ou outras semelhantes:

**Receba-te o Senhor Jesus,
que não veio chamar os justos,
mas os pecadores, para que se arrependam.
Tem confiança n'Ele.**

Então o sacerdote, se for oportuno, lê ou recita de cor algum texto da Sagrada Escritura, no qual se anuncia a misericórdia de Deus e se convida o homem à conversão.

**Deus prova assim o seu amor para connosco:
Cristo morreu por nós, quando éramos ainda pecadores.
E agora, que fomos justificados pelo seu sangue,
com muito maior razão, seremos por Ele salvos da ira divina. (Rm 5, 8-9)**

A este ponto, podes confessar os teus pecados. Se for necessário, o sacerdote ajuda-te, fazendo-te perguntas e dando-te conselhos adequados. O sacerdote convida o penitente a manifestar o arrependimento, recitando o ato de contrição ou outra fórmula semelhante, por exemplo:

**Pai, pequei contra Vós.
Já não mereço ser chamado vosso filho.
Tende compaixão de mim, que sou pecador. (Lc 15,18; 18,13)**

O sacerdote, com as mãos estendidas sobre a cabeça do penitente (ou estendendo, pelo menos, a mão direita), diz:

**Deus, Pai de misericórdia,
que, pela morte e ressurreição de seu Filho,
reconciliou o mundo consigo
e enviou o Espírito Santo para remissão dos pecados,
te conceda, pelo ministério da Igreja, o perdão e a paz.**

**E eu te absolvo dos teus pecados
em nome do Pai, e do Filho, + e do Espírito Santo.**

E tu respondes: Amen.

Depois da absolvição, o sacerdote prossegue: Dai graças ao Senhor, porque Ele é bom.

E tu respondes: Porque é eterna a sua misericórdia.

A seguir, o sacerdote despede-se de ti, dizendo: O Senhor perdoou os teus pecados. Vai em paz.

Oração do Penitente

Lembra-Vos, Senhor, das vossas misericórdias e das vossas graças que são eternas. Não recordeis as minhas faltas e pecados, mas lembra-Vos de mim segundo a vossa clemência, por causa da vossa bondade, Senhor. (Sl 24,6-7)

Ou então:

Senhor Jesus, que abristes os olhos dos cegos, curastes os enfermos, perdoastes a pecadora e, depois da queda, confirmastes Pedro no vosso amor, escutai a minha oração: perdoai todos os meus pecados, renovai em mim o vosso amor e concedei-me a graça de viver em perfeita unidade com os irmãos, para que possa anunciar aos homens a vossa salvação.

Que fazer depois da confissão?

“Vós pensais: os tempos são maus, os tempos são pesados, os tempos são difíceis. Vivei bem e mudareis os tempos.”

Santo Ambrósio

«As Bem-aventuranças contêm o “bilhete de identidade” do cristão – é este o nosso bilhete de identidade – porque delineiam o rosto do próprio Jesus, o seu estilo de vida. As Bem-aventuranças conduzem-te à alegria, sempre; são o caminho para alcançar a alegria. Vai fazer-nos bem hoje pegar no Evangelho de Mateus, capítulo cinco, versículos de um a onze, e ler as Bem-aventuranças para compreender este caminho tão bonito, tão seguro da felicidade que o Senhor nos propõe.»

Papa Francisco, *Audiência Geral*, 29 de janeiro de 2020

A vida de Carlotta Nobile

(Roma, 20 de dezembro de 1988 – Benevento, 16 de julho de 2013).

Foi uma historiadora da arte, violinista, escritora e blogger italiana.

Personalidade poliédrica de artista e estudiosa, que se contava entre os mais apreciados jovens violinistas italianos do seu tempo.

Em outubro de 2011, quanto tinha 22 anos, foi-lhe diagnosticado melanoma: a reação inicial foi ficar zangada por aquilo que ela entendia ser um erro irracional e injusto do destino, diante de uma vida sempre dedicada ao estudo e à disciplina de si. Em poucas semanas, como a própria Carlotta confidenciou às pessoas mais próximas, o seu estado de ânimo passa da pergunta furiosa do “Porquê a mim?” à do “Porque não a mim?!”, diante da constatação do sofrimento de outras pessoas, sobretudo crianças, com a sua mesma doença.

Faz os tratamentos que são possíveis e é submetida a várias operações, prosseguindo paralelamente a sua carreira musical e artística, alternando-se, muitas vezes, entre hospitais e concertos. Dela dirá Sandro Cappelletto, no jornal “La Stampa”: *«Quanto mais os tratamentos a esgotavam, mais os diagnósticos faziam prever o momento da despedida, mais a música se tornava a sua rebelião contra o destino, a sua verdadeira vida: e nunca com descontos de qualidade».*

No mês de abril de 2012 abre a página de Facebook “Il Cancro e poi_” (“O Cancro e depois”), e no mês de agosto o site ilcancroepoi.com, ambos anónimos porque, como escrevia a uma amiga seis meses antes de morrer, *«odeio sentir que têm pena de mim, odeio quem acha que estou fraca; eu nunca me senti tão forte como agora. E posso viver ainda cem anos ou dez, mas agora amo a minha vida agora mais do que nunca. E não quero que o cancro me pare. De modo algum. Só quero que me faça crescer, só quero que me forme».* Este gesto era uma forma de sublinhar a sua disponibilidade artística e humana, generosa para com quem pede palavras e conforto (*«Gosto*

muito de comunicar – escreve ela –. Faço-o desde os meus 4 anos com o violino; depois comecei a fazê-lo também por palavras»). Desde modo, dá vida a uma comunidade de milhares de pessoas que, como ela, estavam marcadas pela dor e pela fragilidade física, que se reconhecem nos seus pensamentos e nas suas reflexões, encontrando aí apoio e ajuda moral. Faz uma “leitura” bastante particular da doença, diferente de todas as que normalmente atravessam a internet: não olha para os sintomas ou para os tratamentos, mas sobretudo para um “percurso” interior de aprofundamento e de “cuidado” de si, fruto de uma análise fria e lúcida dos efeitos e das reações profundas que a patologia, bastante séria e difícil, desencadeia na psique de quem tem de a enfrentar.

«Eu já nem sequer sei quantos centímetros de cicatrizes cirúrgicas eu tenho. Mas tenho tanto amor por eles, um por um, cada centímetro de pele cortada que nunca mais volta a curar.

É neles que se encaixam as minhas asas.»

(Carlotta Nobile, Il Cancro E Poi_)

A personalidade e a natureza de Carlotta sempre foram complexas, multifacetadas e atormentadas desde a tenra idade. De todos os seus escritos transparece uma visão dramática da vida e da sua existência; ainda que muito breve, o seu extraordinário percurso de crescimento, nos últimos anos dominado pelo cancro, permitiu que acalmasse o turbilhão interior que a caracterizava e guiá-lo para a Luz. A consciência da coragem e da luta nasce, efetivamente, primeiro como uma construção “laica”, como sentimento forjado pela educação e pela cultura, e depois – três meses antes de morrer – transforma-se numa inesperada “recuperação” religiosa na ótica de um abandono total à Fé, vivida como fonte de serenidade, há muito e desde sempre procurada em vão. Até ao mês de março de 2013, a sua religiosidade ainda é pouco caracterizada, alimentada com a doutrina destilada pela família no crescimento, mas pouco desenvolvida e ainda latente no seu desenvolvimento; acontece com frequência que uma jovem de 24 anos – para mais, artista de música e apaixonada pela arte – canalize a sua espiritualidade para o Infinito sem demasiadas questões, sem demasiadas interrogações. A mãe vive esta falta de aprofundamento como uma inquietação; está segura que, se a Carlotta se voltasse para a religião com um abandono total, receberia um grande conforto para a sua terrível batalha. A partir de 4 de março, a Carlotta – de repente, quando despertava de uma crise cerebral – recebe a Graça e o dom da Fé, uma Fé férrea e muito intensa em Nosso Senhor Jesus Cristo e na obediência à sua Santa Igreja, capaz de veicular para o Transcendente as suas conquistas interiores e o domínio sobre a doença e sobre a sua fragilidade humana conquistado com tanto esforço e tanta disciplina. Foi como se lhe tivesse sido atribuído um prémio, por um modo de enfrentar um destino tremendo com dignidade e coragem, abrindo-se aos outros e oferecendo sempre – em todas as condições – um sorriso, amor, esperança e confiança; foi como se aquele resultado de altíssima aceitação da Cruz, conquistado num primeiro momento “laicamente”, de repente tivesse sido abençoado pelo milagre da Graça e por ela transformado numa alegre sublimação da dor. E virá a ser uma “alegre sublimação da dor” até ao fim, durante aqueles três meses e meio que restam.

Nos últimos meses da sua vida, a Carlotta viveu efetivamente uma profunda experiência de Fé, que teve origem repentinamente a 4 de março de 2013, quando despertava de uma crise que a obrigou ao internamento em Milão durante alguns dias. Este acontecimento, percebido como uma iluminação, é contado pela própria Carlotta no seu blog anónimo sobre cancro, naquele que viria a ser o seu último post antes da morte:

«Fui curada na alma. Num instante, num dia qualquer, quando despertei de uma crise.

Abri de novo os olhos e era outra. E isto é um milagre.»

(Carlotta Nobile, Il Cancro E Poi_, 5 de abril de 2013)

Continua a Carlotta no post já citado:

«E num pequeno instante compreendes que foi precisamente aquele cancro a CURAR A TUA ALMA, a trazer a ordem de volta àquilo que é verdadeiramente essencial na tua vida, a dar-te de novo a Fé, a esperança, a confiança, o abandono, a consciência de te teres tornado aquela que, ao longo de toda a vida, quiseste ser com todas as tuas forças e nunca tinhas sido: uma mulher SERENA! Compreendes que foi o cancro que te permitiu que finalmente te amasses a ti mesma incondicionalmente, com todas as tuas qualidades e todos os teus limites, a sentir alegria em cada um dos mais pequenos instantes, a saborear cada instante, cada odor, cada gosto, cada sensibilidade, cada palavra, cada partilha, cada pequeníssimo fragmento de infinito condensado no mais banal e precioso instante. Compreendes que foi o cancro, com o seu tormento, com as suas agressividades, com as suas asperezas, que por fim te trouxe a LUZ.»

(Carlotta Nobile, Il Cancro E Poi_, 5 de abril de 2013)

Escreveu à mãe: *«Há um desígnio maior. Tudo isto tem um sentido único e eu estou orgulhosa de poder crescer assim e viver isto. Que bom eu ter recebido a fé! Como fazia sem ela? Que vida ignóbil! Que vida árida sem fé! Sem confiança e abandono a Deus! Eu quero ir a Medjugorje este verão! Seja como for, este terço é algo de maravilhoso, nem o vejo às escuras, estou com ele na mão e estou há uma hora a rezar. Deixa-me em paz por dentro... não há palavras! Porque agora FINALMENTE estou sã onde, há dois anos, não estava, ou seja, DENTRO, na alma!!!! Vai correr tudo bem, porque estamos nas suas mãos, e nas mãos de Deus as coisas só podem correr bem... é demasiado bela esta serenidade!»*

A sua espiritualidade foi visivelmente inspirada pela pregação do Papa Francisco e pelo convite que fez aos jovens para carregarem a Cruz com alegria (homilia de 24 de março de 2013).

Na Sexta-feira Santa de 2013, a Carlotta, desejosa de se confessar, procurava uma igreja no centro de Roma, que não estivesse fechada, apesar da hora de almoço. A única que tinha permanecido aberta era a Igreja de São Tiago in Augusta, na Via del Corso. Foi aí que a Carlotta encontrou o pároco, Padre Giuseppe Trappolini, a quem, durante um tocante colóquio em que – segundo o Padre Giuseppe – a Carlotta chorou «de Alegria», contou a sua história, a luta contra o melanoma e a serenidade que experimentou quando escutou as palavras do Papa Francisco. O pároco ficou muito emocionado por aquela coincidência: precisamente no dia anterior, ele e outros párocos romanos tinham estado a almoçar com o Papa e o Papa tinha aproveitado a oportunidade para exortar os seus hóspedes a manter as igrejas abertas todo dia de Sexta-feira Santa para permitir que toda a gente pudesse confessar-se. Entretanto, numa carta, o Padre Trappolini contou ao Pontífice a história da Carlotta e o Papa telefonou para a paróquia para garantir a esta jovem a sua oração: «Esta jovem dá-me coragem», disse ele. Precisamente nesse momento a Carlotta teve uma crise cerebral no hospital de Carrara e, depois de ter recobrado a consciência, teve uma aparição trinitária: deitada na cama do seu quarto, viu um Triângulo de luz na parede.

Cheia de felicidade, a Carlotta escreveu, então, ao Papa:

«Querido Papa Francisco,

Tu mudaste a minha vida.

Sinto-me honrada e cheia de sorte por poder carregar a Cruz com Alegria aos 24 anos. Sei que o cancro me curou na alma, desfazendo todos os nós do meu interior e dando-me a Fé, a Confiança, o Abandono e uma Serenidade imensos justamente no momento mais grave da minha doença.

Eu confio no Senhor e, mesmo no meu percurso difícil e atormentado, eu reconheço sempre a sua ajuda.

Querido Papa Francisco, Tu mudaste a minha vida.

Queria fazer-te um pedido... Tenho imenso desejo de te conhecer e, nem que fosse durante um minuto, rezar o Pai Nosso juntamente contigo!

“O Pão Nosso de cada dia nos dai hoje” e “Livrai-nos do mal”. Amen.

Entrego este meu sonho nas mãos do Padre Giuseppe e confio em Deus!

Reza por mim, Santo Padre. Eu rezo todos os dias por ti.

Carlotta»

(Carlotta Nobile, Carta ao Papa Francisco, 12 de abril de 2013)

Através do Padre Trappolini, a Carlotta esteve a ponto de ver concretizado o seu sonho de se encontrar com o Papa, mas em maio de 2013 as suas condições pioraram e, então, regressou a Benevento, à casa da família, onde passou os seus últimos três meses, os mais dolorosos, durante os quais se dedicou à oração, num estado paradoxal de completa confiança, aceitação e gratidão a Deus.

Embora as suas dores fossem inexplicáveis, embora as metástases e as feridas martirizassem cada vez mais o seu corpo, a Carlotta, diante dos olhos estupefactos da sua família, viveu um paradoxal estado de graça, de sorriso, de gratidão e de serenidade, sem nunca se lamentar, na oração, de modo particular com o Pai Nosso e o Santo Rosário. O capuchinho Padre Giampiero Canelli escutou a sua última Confissão: «Quase que foi ela que me deu coragem a mim!», conta ele. Nos primeiros dias de julho, a Carlotta disse ao irmão: «Recebi a Fé, não a das ladainhas ou outra, mas aquela que nos faz entregar-nos nas mãos do Pai».

Por esses dias, disse que viu uma cena que, perturbada, tinha dificuldade em descrever e que a sua família achava que se tratava de um sonho: «Tu estavas. Tu não estavas. Tu também não. Tu sim.», dizia ela às pessoas que tratavam dela. Pouco dias depois, no momento da morte, as pessoas mais próximas estavam presentes e ausentes exatamente como ela tinha anunciado. No dia 14 de julho, a Carlotta disse aos seus familiares: «Chegou ao fim!», mas continuava a sorrir e a agradecer a Deus.

Na última noite da sua vida, de 14 para 15 de julho de 2013, o seu pai despertou com as seguintes palavras da Carlotta, sussurradas repetidamente com tom sereno e o olhar voltado para o teto:

«Senhor, eu Te agradeço. Senhor, eu Te agradeço. Senhor, eu Te agradeço.»

No dia seguinte, a poucas horas da morte, com dificuldade, saudou pela última vez os seus familiares mais próximos:

«Os meus três homens maravilhosos: o pai, o Fanfy e o Matteo. A minha doce mãe. Que quero mais?! Sou uma sortuda.»

Depois de dois anos de batalha, a Carlotta morreu com a tenra idade de 24 anos, na passagem para o dia 16 de julho de 2013, dia de Nossa Senhora do Carmo.

<https://www.carlottanobile.it/>

<http://www.synod.va/content/synod2018/it/giovani-testimoni/carlotta-nobili--il-violino--la-malattia--e-limmensa-gioia-per-l.html>

VIGÍLIA

«Na sua essência, a adoração é um abraço com Jesus,
no qual eu digo:
“Eu sou teu e peço-Te que Tu também estejas sempre comigo”»

Bento XVI,
Encontro de catequese e oração com as crianças da primeira comunhão, 15 de outubro de 2005

Preliminares gerais

A Vigília que se desenrola durante a iniciativa “24 horas para o Senhor” tem um papel fundamental, porque caracteriza todo o evento. É desejável que a Vigília seja realizada com o Santíssimo Sacramento exposto, enquanto um ou mais sacerdotes ficam à disposição para celebrar o Sacramento da Reconciliação.

Esta Vigília inspira-se nas palavras do Salmo 103(102),3: “Ele perdoa todos os teus pecados”, sublinhando a disponibilidade do Senhor para perdoar totalmente as transgressões do homem. Todo o Salmo é uma oração de David, um hino de bênção à bondade e ao amor de Deus. O texto presta-se a várias interpretações espirituais. Concentramo-nos em dois aspetos. O primeiro evidencia a relação entre a pura exaltação da benignidade de Deus (*Bendiz, ó minha alma, o Senhor*) por causa do seu perdão (*Ele perdoa todas os teus pecados*). Quando o homem bendiz o Senhor, significa que O reconhece como fonte da graça. Depois, David eleva o hino de bênção a Deus, porque experimentou a graça do seu perdão. O segundo aspeto mostra a misericórdia de Deus que abraça tanto a história coletiva, como os gestos feitos por um homem só.

O evento “24 horas para o Senhor” está estritamente ligado com o tempo litúrgico, ou seja, com o IV Domingo da Quaresma. A alegria celebrada durante este Domingo, antigamente chamado “Domingo *Laetare*”, brota da conversão pessoal, da reconciliação com Deus e da graça recebida no Sacramento do Perdão. Entre outras coisas, as leituras dominicais (*2Cr 36,14-16.19-23; Sl 136; Ef 2,4-10; Jo 3,14-21*) manifestam de que forma a graça de Deus age na história, apesar dos pecados cometidos pelo homem. Notamos que Deus, rico de misericórdia, intervém sempre e gratuitamente para salvar o homem, embora seja este último o único responsável pela derrota diante do mal. Esta iniciativa foi colocada precisamente nos dias anteriores ao IV Domingo da Quaresma, para dar a possibilidade a todos os fiéis de libertar a sua vida dos pecados, preparando-se assim para a Páscoa que, entretanto, já está próxima.

Durante o desenrolar da iniciativa das *24 horas para o Senhor*, é oportuno sublinhar os conteúdos acima indicados. De qualquer forma, o próprio desenvolvimento e a escolha dos temas e dos textos bíblicos são sempre deixados ao critério dos pastores e dos organizadores do evento que, nas várias partes do mundo, são quem melhor conhecem as necessidades dos fiéis confiados ao seu cuidado pastoral, sobretudo neste período da pandemia.

Tendo em conta a prática dos anos anteriores, deduz-se que a iniciativa se desenrola, habitualmente, de três maneiras:

1. Nas pequenas comunidades, como por exemplo nos hospitais ou nas paróquias/reitorias com relativamente baixo número de fiéis.

Neste caso, muitas vezes, toda a iniciativa se desenrola na sexta-feira à noite. Poder-se-ia iniciar o evento com a Liturgia penitencial, depois expor o Santíssimo Sacramento e, com a Adoração Eucarística silenciosa ou animada por um grupo de oração (conforme as possibilidades e as necessidades da comunidade), convidar todos à reconciliação sacramental com Deus.

2. Nas paróquias mais numerosas (sobretudo nas áreas urbanas), nas prefeituras (e/ou vicariatos/decanatos) ou nos lugares onde se decidir organizar o evento em várias paróquias/comunidades.

Seria oportuno iniciar na sexta-feira ao fim da tarde com a Santa Missa ou com a Liturgia da Palavra. De seguida, expõe-se o Santíssimo Sacramento e começa a Adoração Eucarística animada por diversos grupos paroquiais ou por várias paróquias.

Os responsáveis estabelecem tanto o programa de toda a Adoração como a sua duração, assegurando turnos para as confissões dos fiéis.

3. Nas igrejas catedrais, nas basílicas, nos santuários ou nas paróquias e lugares de culto mais significativos para a Igreja local e cuidadosamente escolhidos pelo Ordinário ou pelas pessoas responsáveis.

O evento deveria ser organizado de modo mais solene, sublinhando a universalidade da Igreja que o celebra contemporaneamente em todo o mundo. A igreja deveria ficar aberta mesmo de noite, com a Adoração Eucarística animada por turnos por vários grupos de oração e por diferentes comunidades. É desejável que o Ordinário e os Bispos estejam presentes pelo menos no início e no fim do evento, disponibilizando-se também para a celebração do Sacramento da Reconciliação. Será necessário garantir a presença constante de um ou mais sacerdotes dispostos a atender as confissões.

Uma vez mais, se for possível, um grupo de fiéis, formado e preparado para tal, poderia convidar as pessoas que passam nas proximidades da igreja para entrar e tomar parte no evento (sobretudo nas igrejas centrais da cidade, nos centros históricos e turísticos, nos lugares de grande afluência de pessoas, etc.). Muitas vezes, um simples convite, uma palavra de boas-vindas ou uma explicação sobre o evento constituem uma ocasião para dar início a um colóquio muito mais sério, tornando-se um verdadeiro momento de evangelização. Não raramente, os fiéis leigos, sobretudo entre os que sistematicamente recebem formação em diversas comunidades e grupos de oração,

podem desempenhar um ótimo serviço na preparação para a confissão, dialogando com as pessoas que já há algum tempo deixaram de frequentar a igreja e poderiam sentir alguma dificuldade em estar direta e imediatamente na presença do sacerdote.

Para adaptar a proposta de Vigília às exigências particulares de uma comunidade específica (paróquia, capela de um hospital ou de um mosteiro, reitoria, santuário, etc.), poder-se-ia escolher alguns cânticos. Para aprofundar os temas recorrentes nos textos bíblicos propostos, sugere-se que se prepare uma meditação ou que se escolha alguns testemunhos, conforme as exigências e as possibilidades da própria comunidade.

Celebração da vigília em tempo de pandemia

Neste momento em que este subsídio está em fase de preparação, a pandemia provocada pelo vírus Sars-Cov-2 ainda se está a alastrar pelo mundo fora. Estamos perfeitamente conscientes de que as limitações impostas pelas autoridades sanitárias têm fortes implicações na realização de toda esta iniciativa, bem como na celebração individual do próprio Sacramento do Perdão. Nesta secção, queremos, portanto, propor algumas ideias acerca do desenrolar da Vigília e das Confissões.

1. Em caso de proibição absoluta das celebrações litúrgicas

Nos lugares onde, por causa da pandemia, não for possível celebrar os Sacramentos, é necessário divulgar a mensagem evangélica da misericórdia do Senhor entre os fiéis. Esta iniciativa poderia ser, precisamente, uma ocasião propícia para confortar a comunidade cristã.

O papel dos capelães nos hospitais, nas clínicas, nos lares e em muitas outras estruturas de saúde pública e privada assume uma importância crucial para fazer chegar o perdão e a paz a estas pessoas que se encontram entre as mais expostas ao risco da pandemia.

É preciso lembrar aos fiéis que a Igreja nos concede um modo especial para receber a absolvição dos pecados, no caso de não ser possível celebrar o Sacramento da Reconciliação. Foi o próprio Papa quem o explicou: «Sei que, na Páscoa, muitos de vós ideo confessar-vos para vos encontrardes com Deus. Mas, hoje, muitos dirão: “Padre, mas onde posso encontrar um sacerdote, um confessor, porque não podemos sair de casa? E eu quero fazer as pazes com o Senhor, eu quero que Ele me abrace, que o meu Pai me abrace... Como posso fazer, se não encontro sacerdotes?” Faz aquilo que diz o Catecismo. É muito claro: Se não encontrares um sacerdote para te confessares, fala com Deus – é o teu Pai – e diz-Lhe a verdade: “Senhor, eu fiz isto, isto, isto e isto... Perdoa-me”. E pede-Lhe perdão

com todo o teu coração, com o Ato de Contrição, e promete-Lhe: “Depois vou confessar-me, mas por agora perdoa-me”. E vais voltar logo à graça de Deus» (Papa Francesco, *Homilia em Santa Marta*, 20 de março de 2020).

Com efeito, assim lemos no número 1452 do Catecismo da Igreja Católica: «Quando procedente do amor de Deus, amado sobre todas as coisas, a contrição é dita “perfeita” (contrição de caridade). Uma tal contrição perdoa as faltas veniais: obtém igualmente o perdão dos pecados mortais, se incluir o propósito firme de recorrer, logo que possível, à confissão sacramental».

Em algumas regiões, apesar de vigorar a proibição das celebrações públicas, o sacerdote poderia atravessar sozinho o território da sua paróquia, abençoando as pessoas nas suas casas, mantendo, porém, as devidas distâncias. Essa bênção, feita com o Santíssimo Sacramento ou com as relíquias dos santos patronos, só poderá ter lugar com o consentimento do bispo local e das autoridades civis competentes.

Onde for possível, pode-se utilizar os meios de comunicação modernos para transmitir a Vigília, preparando assim os fiéis para a contrição perfeita, em vista da confissão sacramental, quando cessarem as exigências sanitárias.

A pandemia não pode transformar-se em mais uma desculpa para fechar a igreja.

2. Em caso de proibição parcial das celebrações litúrgicas

Na maior parte dos países, a pandemia permite que os fiéis se reúnam para celebrarem os Sacramentos, embora com restrições de número dos participantes e com limites de tempo. Uma vez mais, em conformidade com as decisões tomadas pelo Bispo local e com as normas sanitárias vigentes, poder-se-ia convidar os fiéis a ir à igreja em diversas faixas horárias. Para facilitar a distribuição das pessoas, mantendo o devido distanciamento na igreja, pode-se convidar vários grupos de fiéis, divididos por território (um bairro, uma aldeia, etc.) ou por faixas etárias. A iniciativa pode ter lugar durante mais de um dia, de modo a permitir que as pessoas vivam um momento tranquilo de adoração e possam aceder ao sacerdote disponível para atender em confissão.

Também se deveria preparar um lugar destinado ao atendimento das confissões, que observe as normas sanitárias. Nos últimos meses, os sacerdotes foram recorrendo a várias soluções, entre as quais gostaríamos de apontar duas: a primeira é preparar um lugar (uma sala, a sacristia, etc.), onde, com intimidade, mas ao mesmo tempo mantendo a distância indicada pelas autoridades sanitárias competentes, um sacerdote pode atender as confissões individuais dos penitentes; a segunda solução é usar o confessionário, selando-o com

película de plástico transparente (que deve ser mudada e/ou desinfetada para cada penitente), com acrílico, ou com outros materiais semelhantes em função deste objetivo, seguindo as normas higiénicas.

INÍCIO DA VIGÍLIA

LITURGIA PENITENCIAL

Enquanto o sacerdote e os ministros se encaminham para o presbitério, a assembleia canta um cântico adequado às circunstâncias.

SAUDAÇÃO E ADMONICÃO

C: Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

R: Amen.

C: A graça, a misericórdia e a paz da parte de Deus, nosso Pai e de Jesus Cristo, nosso Salvador, estejam convosco.

R: Bendito seja Deus, que nos reuniu no amor de Cristo.

C: Irmãos e irmãs, hoje escutamos as palavras proferidas por David num dos seus Salmos: “O Senhor perdoa todos os teus pecados”. Como são consoladoras estas palavras! A certeza e a totalidade do perdão são garantidas a cada um de nós! E, de facto, depende apenas de nós, se quisermos aproximar-nos d’Ele e pedir a misericórdia para as nossas transgressões. Com a nossa fé abraçamos, hoje, também as pessoas que se afastaram da Igreja e todas as que estão impossibilitadas de vir rezar juntamente connosco, para que, nas próximas horas, dedicadas de modo particular à reconciliação, possam encontrar o perdão e a paz.

Todos oram em silêncio durante alguns momentos.

A seguir, o sacerdote diz esta oração:

C: Senhor nosso Deus, verdadeira luz da nossa consciência, abri-nos as portas da vossa misericórdia, atraí os vossos filhos com a força e a suavidade do vosso amor, destruí a dureza do nosso orgulho e criai em nós um coração novo. Por nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco na unidade do Espírito Santo.

R: Amen.

LITURGIA DA PALAVRA

Primeira Leitura

Lv 19,1-2.17-18

Leitura do Livro do Levítico

O Senhor dirigiu-Se a Moisés nestes termos:

«Fala a toda a comunidade dos filhos de Israel e diz-lhes: ‘Sede santos, porque Eu, o Senhor, vosso Deus, sou santo’.

Não odiarás do íntimo do coração os teus irmãos, mas corrigirás o teu próximo, para não incorreres em falta por causa dele.

Não te vingará, nem guardarás rancor contra os filhos do teu povo.

Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Eu sou o Senhor».

L: Palavra do Senhor.

R: Graças a Deus.

Salmo Responsorial

Salmo 102 (103), 1-2.3-4.8.10.12-13 (R. 8a)

Refrão: O Senhor é clemente e cheio de compaixão.

Ou: Senhor, sois um Deus clemente e compassivo.

Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.
Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.

Refrão

Ele perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades;
salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia.

Refrão

O Senhor é clemente e compassivo,
paciente e cheio de bondade;
não nos tratou segundo os nossos pecados,
nem nos castigou segundo as nossas culpas.

Refrão

Como o Oriente dista do Ocidente,
assim Ele afasta de nós os nossos pecados;
como um pai se compadece dos seus filhos,
assim o Senhor Se compadece dos que O temem.

Refrão

Aclamação antes do Evangelho

1Jo 2,5

Louvor e glória a Vós, Jesus Cristo Senhor!

Quem observa a palavra de Cristo,
nesse o amor de Deus é perfeito.

Louvor e glória a Vós, Jesus Cristo Senhor!

C: O Senhor esteja convosco.

R: Ele está no meio de nós.

C: Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo São Mateus

R: Glória a Vós, Senhor.

Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:

«Ouvistes que foi dito aos antigos: “Olho por olho e dente por dente”. Eu, porém, digo-vos: Não resistais ao homem mau. Mas se alguém te bater na face direita, oferece-lhe também a esquerda. Se alguém quiser levar-te ao tribunal, para ficar com a tua túnica, deixa-lhe também o manto. Se alguém te obrigar a acompanhá-lo durante uma milha, acompanha-o durante duas. Dá a quem te pedir e não voltas as costas a quem te pede emprestado.

Ouvistes que foi dito: “Amarás o teu próximo e odiarás o teu inimigo”. Eu, porém, digo-vos: Amai os vossos inimigos e orai por aqueles que vos perseguem, para serdes filhos do vosso Pai que está nos Céus; pois Ele faz nascer o sol sobre bons e maus e chover sobre justos e injustos. Se amardes aqueles que vos amam, que recompensa tereis? Não fazem a mesma coisa os publicanos? E se saudardes apenas os vossos irmãos, que fazeis de extraordinário? Não o fazem também os pagãos? Portanto, sede perfeitos, como o vosso Pai celeste é perfeito».

C: Palavra da Salvação.

R: Glória a Vós, Senhor.

Segue-se a homilia.

CONFISSÃO GERAL DOS PECADOS

Depois de uma breve pausa de reflexão a seguir à homilia, o celebrante diz:

C: No dia em que celebramos a vitória de Cristo sobre o pecado e sobre a morte, também nós somos chamados a morrer para o pecado, ressuscitando para a vida nova. Reconheçamos que somos pecadores e imploremos a misericórdia de Deus, nosso Pai.

C: Confesso a Deus todo-poderoso

R: e a vós, irmãos, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa. E peço à Virgem Maria, aos Anjos e Santos, e a vós, irmãos, que rogueis por mim a Deus, nosso Senhor.

C: Deus todo-poderoso tenha compaixão de nós, perdoe os nossos pecados e nos conduza à vida eterna.

R. Amen.

ORAÇÃO DO SENHOR

C: Iluminados pela Palavra do Senhor, rezemos agora, a Deus nosso Pai, a oração que Jesus nos ensinou, pedindo-Lhe que perdoe os nossos pecados e nos livre do mal:

R: Pai nosso, que estais nos céus,
santificado seja o vosso nome;
venha a nós o vosso reino;
seja feita a vossa vontade
assim na terra como no céu.
O pão nosso de cada dia nos dai hoje;
perdoai-nos as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos
a quem nos tem ofendido;
e não nos deixeis cair em tentação;
mas livrai-nos do mal.

SAUDAÇÃO DA PAZ

Se for permitido pelas normas sanitárias, o Celebrante diz:

C: Caríssimos irmãos, confiantes nas palavras de Jesus, com o coração disponível para acolher a graça do perdão, saudemo-nos com um gesto de comunhão fraterna e de paz.

Todos se saúdam em sinal de mútua paz e caridade.

EXPOSIÇÃO DO SANTÍSSIMO SACRAMENTO

Prossegue-se com a exposição do Santíssimo Sacramento, nos modos habituais, e com a Adoração Eucarística animada que durará até ao fim da iniciativa “24 horas para o Senhor”.

Segue-se o tempo para as confissões e a absolvição individual.

No fim da Vigília dá-se a bênção solene com o Santíssimo Sacramento. Em alguns lugares, sobretudo onde a iniciativa “24 horas para o Senhor” foi celebrada de forma solene, concluindo no sábado à tarde, poder-se-ia celebrar a Santa Missa vespertina ou as Vésperas I do IV Domingo da Quaresma.

DESENVOLVIMENTO DA VIGÍLIA

Este texto é uma proposta que, depois, deveria ser concretizada e inculturada, de acordo com as tradições locais.

No decorrer da Vigília, cumprindo, uma vez mais, as determinações do Bispo local, é necessário aplicar todas as normas epidemiológico-sanitárias em vigor.

Tendo em conta a duração da vigília, o número de participantes, as possibilidades de organização e outros fatores, a animação da Adoração Eucarística poderia ser feita por turnos, mudando o tema de hora em hora.

Durante a celebração da vigília não se deixe faltar os momentos de oração silenciosa diante do Santíssimo Sacramento.

ESCALA DE UM TURNO

Depois da exposição do Santíssimo Sacramento, faz-se um momento de silêncio e, no fim, o grupo encarregado da animação musical canta um cântico. Segue-se a leitura do texto bíblico:

Escutai, irmãos e irmãs, as palavras do Salmo 103

¹ De David.

Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e todo o meu ser bendiga o seu nome santo.

² Bendiz, ó minha alma, o Senhor
e não esqueças nenhum dos seus benefícios.

³ Ele perdoa todos os teus pecados
e cura as tuas enfermidades;

⁴ salva da morte a tua vida
e coroa-te de graça e misericórdia.

⁵ Enche de bens a tua existência
e te rejuvenesce como a águia.

⁶ O Senhor faz justiça
e defende o direito de todos oprimidos.

⁷ Revelou a Moisés os seus caminhos
e aos filhos de Israel os seus prodígios.

⁸ O Senhor é clemente e compassivo,

paciente e cheio de bondade.

⁹ Não está sempre a repreender,
nem guarda ressentimento.

¹⁰ Não nos tratou segundo os nossos pecados,
nem nos castigou segundo as nossas culpas.

¹¹ Como a distância da terra aos céus,
assim é grande a sua misericórdia para os que o temem.

¹² Como o Oriente dista do Ocidente,
assim Ele afasta de nós os nossos pecados.

¹³ Como um pai se compadece dos seus filhos,
assim o Senhor Se compadece dos que O temem.

¹⁴ Ele sabe de que somos formados
e não Se esquece de que somos pó da terra.

¹⁵ Os dias do homem são como feno:
ele desabrocha como a flor do campo,

¹⁶ mal sopra o vento desaparece
e não mais se conhece o seu lugar.

¹⁷ A bondade do Senhor permanece eternamente
sobre aqueles que O temem,

e a sua justiça sobre os filhos dos seus filhos,

¹⁸ sobre aqueles que guardam a sua aliança
e se lembram de cumprir os seus preceitos.

¹⁹ O Senhor fixou no céu o seu trono
e o seu reino estende-se sobre o universo.

²⁰ Bendizei o Senhor, todos os seus anjos,
poderosos executores das suas ordens,
sempre atentos à sua palavra.

²¹ Bendizei o Senhor, todos os seus exércitos,
que estais ao seu serviço
e executais a sua vontade.

²² Bendizei o Senhor, todas as suas obras,
em todos os lugares do seu domínio.

Bendiz, ó minha alma, o Senhor.

Todos ficam em silêncio.

TESTEMUNHO/MEDITAÇÃO

De seguida, propõe-se um testemunho de conversão, que poderia ser proferido por uma pessoa que deseje partilhar a forma como Senhor lhe tocou o coração com a graça do perdão, ou então lido (por exemplo, neste subsídio, encontra-se o testemunho de Joe Eszterhas). Para o caso de não ser possível apresentar um testemunho, poder-se-ia propor um texto de meditação, como por exemplo este:

Comentário ao Salmo 102, Santo Agostinho

Bendiz, ó minha alma, o Senhor, e não esqueças nenhum dos seus benefícios ou retribuições. Diz: *Bendiz, ó minha alma, o Senhor.* E o que é a tua alma? É todo o teu interior. *Bendiz, ó minha alma, o Senhor.* A repetição tem o valor de uma exortação, mas para que tu possas realmente bendizer sempre o Senhor. *Não esqueças nenhum dos seus benefícios.* Se te esqueceres deles, vais ficar calado. Não poderias ter diante dos teus olhos os benefícios do Senhor, se diante deles não estivessem os teus pecados. Não deve estar diante dos teus olhos o prazer do pecado cometido no passado, mas a condenação do pecado: condenação da tua parte, remissão da parte de Deus! Deus dá-te esta retribuição, para que tu possas dizer: *Como retribuirei ao Senhor tudo quanto Ele me retribuiu?* Foi precisamente isto que consideraram os mártires, cuja memória hoje celebramos, e todos os santos que desprezaram esta vida e – como ouvistes na leitura da Epístola de São João – deram a sua vida pelos irmãos, alcançando assim a perfeição da caridade, como diz o Senhor: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a sua vida pelos seus amigos.* Considerando precisamente isto, os santos mártires desprezaram a sua vida aqui [na terra], para a encontrar lá [no céu], seguindo as palavras do Senhor que diz: *Aquele que ama a sua vida, há de perdê-la; e aquele que a perder por minha causa, há de encontrá-la na vida eterna.* De facto, quiseram retribuir: Quem? O quê? A quem? Eram homens que retribuían a Deus o seu serviço até à morte. Que entregaram, senão aquilo que lhes tinha sido dado? De facto, só pode retribuir verdadeiramente Aquele que dá. Mas não nos retribui pelos nossos pecados; de facto, as nossas retribuições deviam ser umas, mas foram outras que recebemos. Não te esqueças – diz – *de todos os seus benefícios ou retribuições:* não “atribuições” (o que se paga na justiça), mas *retribuições* ou *benefícios*. Uma coisa era o que nos era devido, mas recebemos outra coisa diferente do que nos era devido. É por isso que o Salmo acima citado diz: *Como agradecerei ou retribuirei ao Senhor por todos os bens que me retribuiu?* Não diz “aquilo que me atribuiu”, mas “aquilo que me retribuiu”. Tu retribuístes-Lhe o mal pelo bem; já Ele retribuiu-te o bem pelo mal. E como é que tu, ó homem, retribuístes a Deus o mal pelo bem? Se, antes, foste blasfemo, perseguidor

e violento, é claro que Lhe retribuístes com blasfémias. Por quais bens? Antes de mais, pelo facto de existires; embora também uma pedra exista. Depois, pelo facto de viveres, embora também um animal viva. Que darás ao Senhor como retribuição por Ele te ter criado à sua imagem e semelhança, acima de todos animais e de todas as aves? Não perguntes o que poderás retribuir-Lhe: retribui-Lhe a semelhança d'Ele mesmo [que está em ti]. Ele não te pede mais que isso; exige apenas a sua moeda [aquilo que Lhe pertence]. Mas tu, em vez de Lhe dar graças, humildade, obséquio e verdadeiro espírito religioso, isto é, em vez de todos os seus bens que devias ao teu Deus – como disse antes –, pelos bens que recebeste, retribuístes-Lhe com blasfémias. Que fará Ele, então? Tu confessa [o mal], Eu perdoo-te. Também eu te retribuo, mas não aquilo que tu Me retribuístes: tu retribuístes-Me o mal pelo bem; mas eu retribuo-te o bem pelo mal.

Depois do testemunho/meditação, canta-se um cântico, depois do qual, todos ficam em oração silenciosa.

Depois, pode-se continuar com uma oração de intercessão, recitada por toda a assembleia

ORAÇÃO A PEDIR A INTERCESSÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA

A Virgem Santíssima, Mãe de Jesus e nossa Mãe, que, com José, seu Esposo, adorou o Filho de Deus feito homem na noite do seu nascimento, e que em tantas outras noites, em Belém e Nazaré, velou o seu sono, seja o modelo de todos os adoradores e adoradoras noturnos de Jesus Sacramentado.

Que a sua presença como Mãe Dolorosa junto da Cruz de Cristo nos ensine a descobrir na Eucaristia o mesmo sacrifício que nos redimiu, nos estimule a aproveitar pessoalmente os frutos dessa Redenção e nos faça sentir a responsabilidade de nos incorporarmos efetivamente na função salvífica da Igreja, encarregada de aplicar a Redenção de Cristo a todos os homens.

Que Ela nos ensine os caminhos do profundo amor a Deus e ao homem e nos faça preparar o novo advento do seu Filho para a humanidade.

Que nos ensine a ser uma Igreja autêntica.

“A Igreja do novo Advento, a Igreja que se prepara continuamente para a nova vinda do Senhor, e que deve ser a Igreja da Eucaristia e da Penitência” (RH 20).

(São João Paulo II, Adoração, 31 de outubro de 1983)

A vigília prossegue com um cântico, depois do qual, todos ficam em oração silenciosa até ao fim do seu turno de oração.

Tendo em conta a duração da vigília, pode-se repetir este formulário, alterando os textos bíblicos e os cânticos, e alternando os testemunhos, as meditações e as orações.

Tendo em conta que estamos no tempo litúrgico da Quaresma, seria desejável inserir também a Via Sacra. Também se poderia propor a oração do Santo Rosário e/ou do Terço da Divina Misericórdia.

Alguns textos bíblicos para inserir nos outros turnos da vigília: Lc 6,27-38 (Amor aos inimigos – Não julgueis); Mt 18,23-35 (Parábola do servo cruel); Ef 2,4-10 (Deus, que é rico em misericórdia, a nós, que estávamos mortos por causa dos nossos pecados, restituiu-nos à vida com Cristo).

De seguida, apresenta-se uma proposta de *Lectio divina*, que pode ser uma alternativa, tanto para aprofundamento pessoal como para a celebração comunitária.

LECTIO DIVINA
IV DOMINGO DA QUARESMA (ANO B)

A Palavra de Deus

...é escutada

Escutemos a palavra do Evangelho segundo São João

(3,14-21)

Naquele tempo, disse Jesus a Nicodemos: «¹⁴ Assim como Moisés elevou a serpente no deserto, também o Filho do homem será elevado, ¹⁵ para que todo aquele que acredita tenha n'Ele a vida eterna. ¹⁶ Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho Unigénito, para que todo o homem que acredita n'Ele não pereça, mas tenha a vida eterna.

¹⁷ Porque Deus não enviou o Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele. ¹⁸ Quem acredita n'Ele não é condenado, mas quem não acredita já está condenado, porque não acreditou no nome do Filho Unigénito de Deus.

¹⁹ E a causa da condenação é esta: a luz veio ao mundo e os homens amaram mais as trevas do que a luz, porque eram más as suas obras. ²⁰ Todo aquele que pratica más ações odeia a luz e não se aproxima dela, para que as suas obras não sejam denunciadas. ²¹ Mas quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus».

*Deus bom e fiel,
que nunca Vos cansais de chamar os errantes à verdadeira conversão
e que, pelo vosso Filho levantado na cruz, nos curais das mordeduras do maligno,
concedei-nos a riqueza da vossa graça,
para que, renovados no Espírito,
possamos corresponder ao vosso amor eterno que não tem limites.*

(da Liturgia)

...é meditada

O texto do evangelho do IV Domingo da Quaresma do Ano B é a conclusão do encontro de Jesus com Nicodemos (*Jo* 3,1-21), que o evangelista coloca no contexto dos primeiros capítulos do

Evangelho, conhecidos como o “livro dos sinais”. E foi precisamente por verem “os sinais que realizava” (*Jo 2,23*) que muitas pessoas, em Jerusalém, se aproximaram de Jesus. Entre elas, estava também Nicodemos, um chefe dos fariseus que, durante a noite, vai à procura do Mestre.

A CENA. Antes de entrar no comentário ao texto evangélico propriamente dito, pode ser útil mergulhar na cena, procurando imaginá-la. Este diálogo tem lugar em Jerusalém, numa casa não especificada, mas que poderia ser o lugar onde Jesus e os companheiros encontram hospedagem por ocasião das festividades pascais. O encontro acontece de noite, elemento simbólico ambivalente, com o qual o evangelista pretende falar das trevas da incredulidade ainda presentes no coração de Nicodemos, dos seus medos de tomar uma opção corajosa diante do povo, como também da necessidade de certa intimidade, importante para quem está a dar os primeiros passos para a luz.

O CONTEXTO. Nicodemos começa o diálogo com uma certeza e não com uma pergunta: «Nós sabemos que vens da parte de Deus como mestre» (*Jo 3,2*). Esta afirmação lapidar, talvez proferida até com a autoridade que lhe vinha do facto de ser um dos principais entre os judeus, ao longo da conversa entrará em choque com as perspectivas abertas por Jesus, que indicam o caminho ainda a percorrer e a necessidade de *se render* diante do Mistério. Jesus faz três revelações solenes, introduzidas pela fórmula “em verdade, em verdade te digo” (*Jo 3,3.5.8*), que convidam aquele que procura durante a noite a colocar as suas certezas em crise. Tocando com a mão a sua própria incapacidade de compreender a *vida nova* indicada pelo Senhor, poderá abrir-se com gratuidade ao dom que vem do alto. Os movimentos no coração de Nicodemos são perceptíveis no exterior: pela nudez das duas perguntas que ele faz a Jesus: «Como pode um homem nascer, sendo já velho? Pode entrar segunda vez no seio materno e voltar a nascer» (*Jo 3,4*); e também diante da revelação da necessidade de nascer do Espírito, «Como pode ser isso?» (*Jo 3,9*).

O TEXTO. Nas últimas frases deste diálogo noturno (*Jo 3,14-21*), que a Igreja escuta na liturgia do IV Domingo da Quaresma, as palavras do Senhor parecem alargar o horizonte, do interlocutor para todos homens, elevando-se a uma dimensão universal na qual a salvação é oferecida ao mundo inteiro. O diálogo deixa de estar circunscrito a um evento histórico particular, mas torna-se contemporâneo de cada discípulo que escuta o Evangelho.

- **Jo 3,14-16: a elevação do Filho.** O Evangelho apresenta a elevação do Filho como o acontecimento que fundamenta a fé e que é necessário para ter a vida eterna. O texto refere-se ao episódio narrado no livro dos Números (21,1-9), quando o povo hebraico, depois da rebelião

contra Deus no deserto punida com a praga das serpentes venenosas, recebe o perdão e a salvação olhando para uma serpente de bronze colocada no cimo de um poste. No diálogo com Nicodemos, Jesus revela o sentido daquele episódio, colocando-o em relação com a sua própria morte e ressurreição: o Filho do homem, humilhado até à morte, é elevado na cruz, mas, em filigrana, entrevê-se o mistério do seu ser elevado para Deus. Se, por um lado, Jesus é captado no centro essencial do seu mistério, por outro lado, diante d'Ele o homem é colocado no centro da sua decisão radical: *acreditar* que o seu abaixamento é verdadeiramente o seu triunfo na glória; acreditar que este acontecimento é uma oferta do amor do Pai que abre ao discípulo as portas do Reino; acreditar que a vida eterna é a vida divina, já presente na vida do cristão. «Os verbos “amar” e “dar” indicam uma ação decisiva e definitiva que expressa a radicalidade com que Deus Se aproximou do homem no amor, até à doação total. [...] Ele deu-nos o seu Filho por amor, para ser o Deus próximo, para nos fazer sentir a sua presença, para vir ao nosso encontro e levar-nos ao seu amor, de forma que toda a vida seja animada por este amor divino. [...] Deus não dita leis, mas ama sem medidas. Não manifesta a sua onipotência no castigo, mas na misericórdia e no perdão. Compreender tudo isto significa entrar no mistério da salvação» (Bento XVI, *Homilia* de 4 de novembro de 2010).

- **Jo 3,17-18: a incredulidade do homem.** A vontade de Deus em relação ao mundo é uma vontade de salvação. O drama reside, porém, na possibilidade de o dom do Pai não ser acolhido e ser recusado: a sentença, é o homem quem a redige acerca de si mesmo, com as suas mãos, decidindo se acredita e confia/entrega-se a este amor ou se permanece incrédulo e titubeante. Na realidade, entre as duas posições extremas (acreditar/não acreditar), típicas do Evangelho de João, há um espaço intermédio dinâmico, em que o homem pode experimentar um crescimento gradual. É o espaço da vida dos homens, conquistados sinceramente por Deus, mas ao mesmo tempo marcados pelas fragilidades e pelos esforços humanos, terra de fronteira, em que a fé já é confessada, embora no meio das penumbras interiores. Neste sentido, é significativa a oração cordial daquele homem que confia a Jesus a dor que sente pelo filho que está doente: «Eu creio, mas ajuda a minha incredulidade» (*Mc* 9,24).
- **Jo 3,19-20: um amor desviado.** Os últimos versículos do diálogo com Nicodemos apressam-se a esclarecer que a condenação pesa sobre os que *amam* as trevas. O problema não está em quantas pessoas praticam o mal, mas em quantas pessoas, de maneira consciente, o amam, optam por ele, o preferem à luz: é um amor desviado! Isto devido a uma existência que se acostumou às trevas, a ponto de já as considerar inevitáveis. «Há pessoas – mesmo nós, muitas vezes – que não

conseguem viver na luz porque estão habituadas às trevas. A luz ofusca-as e elas não conseguem ver. [...] E também nós, quando estamos em pecado, estamos neste estado: não toleramos a luz. É mais confortável para nós viver nas trevas; a luz bofeteia-nos, faz-nos ver o que não queremos ver. Mas o pior é que os olhos, os olhos da alma, de tanto viver nas trevas habitua-se a isso a tal ponto que acabam por ignorar o que é a luz» (Francisco, *Homilia* de 22 de abril de 2020).

- **Jo 3,21: aproximar-se da luz.** O encontro de Jesus com Nicodemos termina com as palavras exigentes de Jesus, sinal do amor ciumento que Deus tem pela sua criatura. Não há qualquer referência à reação imediata deste homem à procura, quando está diante de tanta luz que lhe foi revelada com o poder no íntimo da noite. Todavia, no Evangelho de João, Nicodemos volta a aparecer mais duas vezes. Diante dos príncipes dos sacerdotes, que já estão a conspirar para acusar Jesus, tomará uma posição diferente, afirmando: «Acaso a nossa Lei julga um homem sem antes o ter ouvido e saber o que ele faz?» (*Jo 7,50-52*). E, por fim, depois da morte de Jesus, juntamente com José de Arimateia, irá pedir a Pilatos o corpo de Jesus para o sepultar (*Jo 19,39-42*). Portanto, é um homem que aprendeu a acreditar, acolhendo na sua noite interior o dom de um amor, que, de modo delicado, mas tenaz, iluminou gradualmente a sua vida e as suas opções: «Quem pratica a verdade aproxima-se da luz, para que as suas obras sejam manifestas, pois são feitas em Deus» (*Jo 3,21*). De Nicodemos – como de qualquer discípulo do Senhor – pode-se dizer realmente que, por graça de Deus, nasceu do alto, viu o Reino, recebeu já aqui e agora a vida eterna. Nicodemos aproximou-se da Luz!

...é rezada

Ó Cristo,
põe os olhos na minha angústia e na minha coragem,
na minha pobreza e na minha fraqueza:
tem piedade de mim, ó Verbo de Deus!

Brilha sobre mim, traz luz à minha alma,
ilumina os meus olhos,
para que possa ver-Te, ó luz do mundo:
Tu, alegria, felicidade, vida eterna,
Tu, Reino dos céus e paraíso,

Tu, coroa dos justos, juiz e rei!

Revela-Te a mim, segundo a tua Palavra, e manifesta-Te.

Mostra a tua misericórdia,
manifesta o teu amor pelos homens.

Abre-me as portas do banquete.

Não me feches a porta da tua luz, ó meu Cristo!

(Simeão, o Novo Teólogo, *Hino 53*)